



INTERCÂMBIO

A inserção missionária batista para o Brasil Central a partir de 1925: apontamentos e análises de fontes e referências

The Baptist missionary insertion to Central Brazil from 1925: notes and analysis of sources and references

Paulo Julião da Silva*

Resumo: O objetivo deste texto é trazer apontamentos e análises de fontes e historiografia que contribuam para a compreensão da expansão missionária batista ao Brasil Central a partir do ano de 1925. O artigo foi construído dentro da perspectiva da história cultural das religiões. Após a verificação das fontes e referências, concluiu-se que os batistas aproveitaram o contexto de expansão protestante por toda a América Latina, bem como fizeram uso do discurso da suposta necessidade que os habitantes do interior tinham de receber a mensagem cristã, a fim de justificar a concretização de seus projetos. Acredita-se que as questões aqui elencadas podem contribuir para os debates acerca da temática protestante no Brasil, sobretudo em se tratando do campo da história cultural das religiões.

Palavras-chave: Batistas. Missões. Brasil Central.

Abstract: The aim of this paper is to bring notes and analyzes of sources and historiography that contribute to the understanding of Baptist missionary expansion to Central Brazil from the year 1925. The article was built from the perspective of the Cultural History of Religions. It was concluded that the Baptists took advantage of the context of Protestant expansion throughout Latin America and made use of the discourse of the supposed need that the interior habitants had to receive the Christian message in order to justify the realization of their projects. It is believed that the issues raised here may contribute to the debates about the Protestant theme in Brazil, especially in the field of the Cultural History of Religions.

Keywords: Baptists. Missions. Central Brazil.

Introdução

Desde o início do século XX, o protestantismo no Brasil vem sendo estudado por pesquisadores de diversas áreas. Historiadores, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, teólogos e leigos têm se dedicado a narrar, compreender, analisar, descrever e criticar as diversas correntes desse grupo heterogêneo que, em muitos casos, é tido como homogêneo. A maioria dessas análises, contudo, foca no desenvolvimento das diversas denominações protestantes nas grandes capitais do país. A inserção protestante

* Professor do Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação do Centro de Educação da UFPE. Doutor em História Cultural (UNICAMP). ORCID: 0000-0001-8494-0726 - Contato: pauloemac@gmail.com

Brasil Central¹ ainda é pouco explorada, principalmente em seu desenvolvimento nas primeiras décadas do século XX. Boa parte da produção, principalmente a de historiadores denominacionais, diz respeito a biografias de missionários exaltando a disposição que eles tiveram em “desbravar os sertões”² enfrentando todos os perigos possíveis para evangelizar os povos que ali viviam.

Nesse sentido, no presente texto, objetiva-se analisar fontes e historiografia que contribuam para a compreensão da expansão missionária batista para o Brasil Central, como fruto de um projeto desenvolvido pela Junta de Missões Nacionais (JMN) da Convenção Batista Brasileira (CBB) iniciado em 1925 (Mein, 1982). No referido ano, o missionário norte-americano L. M. Bratcher realizou uma série de viagens pelo interior do país e apresentou alguns relatórios na Reunião da CBB em 1926. Naquela ocasião, William B. Bagby (pioneiro no trabalho missionário batista no Brasil), ao tecer diversos elogios daquilo que ouvira do seu colega de ministério relatar das viagens realizadas no ano anterior, enfatizava que aquele era o momento oportuno para a expansão batista para o Brasil Central. No discurso de Bagby pôde-se perceber uma relação direta com o contexto histórico, bem como com os encaminhamentos que estavam sendo dados ao missionarismo em diversas partes do mundo em conferências de evangelização. Ciente das divergências em relação às prioridades entre líderes batistas brasileiros e norte-americanos, o missionário cobrou unidade da denominação para que a nova etapa da evangelização no Brasil ocorresse com consentimento e participação de ambas as partes (Bagby, 1926).

É importante destacar que a opção da denominação em evangelizar o Brasil Central esteve dentro de um contexto de expansão missionária protestante na América Latina, bem como de incentivos governamentais a migrações internas para as regiões Central e Norte do país. Nesse sentido, serão realizados apontamentos de fontes e bibliografias que levem ao entendimento das causas e contradições dos primórdios do missionarismo batista para o interior do país (Prestes Filho, 2006).

O texto trará algumas questões que não estão divididas em tópicos, por crer-se na importância de se situar o leitor ainda na introdução. No que se refere à bibliografia, será realizada a exposição de uma literatura que contribui para a compreensão da temática aqui abordada. Essa exposição também tem a intenção de contribuir com futuros debates sobre a expansão batista no Brasil ao longo do século XX. Quanto à documentação, esta será analisada ao longo da narrativa a ser desenvolvida, mostrando alguns dados sobre missionários que se interessaram por tal empreitada. Quanto às questões teóricas, alguns apontamentos a respeito da história cultural das religiões serão levantadas. Por fim, as organizações missionárias responsáveis pela expansão protestante batista para o Brasil Central terão sua importância com um breve histórico.

1 Boa parte do que hoje se conhece como Centro-Oeste, nos anos 1920, era chamado de Brasil Central (Guimarães, 1942).

2 Em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, políticos, literatos, cientistas e missionários descreviam interior e sertão com o mesmo significado (Barbato, 2015).

Fontes e referências para a compreensão da expansão do missionarismo batista no Brasil na primeira metade do século XX

Antes de dar início aos debates aqui propostos, é importante destacar que a bibliografia a ser analisada se divide em grupos distintos que são divergentes e complementares ao mesmo tempo. Contudo, independente da forma de abordagem da temática, entende-se que todas as obras aqui citadas contribuem para a compreensão da expansão missionária batista no país.

O primeiro grupo de autores analisa as missões cristãs, mesmo aquelas tidas como missões locais, dentro de uma perspectiva global. Tais textos ajudam a entender, por exemplo, que o interesse da JMN pela evangelização do sertão a partir de 1925 não foi algo pensado e debatido por missionários brasileiros e norte-americanos sem uma conexão com o missionarismo universal.

Eliane Moura da Silva (2014; 2010), por exemplo, analisa a vida de missionárias norte-americanas que partiam para diversos campos, inclusive para o Brasil, em sua maioria sem contrair o matrimônio. Muitas dessas mulheres eram profissionais formadas nas melhores universidades dos Estados Unidos e buscavam em outros países uma maneira de exercer sua profissão ao mesmo tempo em que pudessem pôr em prática a vocação religiosa que acreditavam ter. Contudo, a historiadora mostra que os anseios de tais missionárias não eram exclusivos daquele contexto nem algo que nascera com aquelas mulheres. Elas eram influenciadas por discursos evangelísticos universais e pelo Destino Manifesto³ norte-americano, no qual os Estados Unidos seriam os responsáveis por salvar o mundo da danação terrena e eterna. Além disso, as concepções acerca da religião como um produto culturalmente constituído e que se propõe universal apresentados pela autora são importantes para o entendimento das intenções missionárias batistas no Brasil.

Dana L. Robert (2008; 2005; 2002) mostra como desde o primeiro século o cristianismo se caracterizou como a religião do “envio”. A proposta universalista o acompanhou dentro das mais diversas correntes em que ele se constituiu. Segundo a historiadora, o “ide” de Jesus ordenando que sua mensagem fosse espalhada nos locais mais remotos serviu de estímulo para que milhões de pessoas nos últimos dois mil anos se colocassem à disposição para migrar para locais distantes, desconhecidos, perigosos, dando a vida por uma causa que acreditavam ser divina. Robert não exclui os diversos contextos políticos e econômicos que contribuíram para tal expansão. Também não deixa de lado as facilidades e as dificuldades que tais contextos trouxeram para a consolidação do cristianismo como uma religião universal. Porém, alerta para o fato de que o missionário e aquilo que o cerca não sejam vistos como os únicos e reais motivos da sua disposição em levar a mensagem cristã a outras pessoas ao redor do mundo.

Stephen Neill (1989) também ajuda na compreensão da constituição do cristianismo como religião universal. Contudo, o autor mostra mais as questões que cercam a vida das missões do que a disposição das pessoas em seguir aquilo que acreditavam ser

3 Sobre o Destino Manifesto, ver Mountjoy (2009).

sua vocação. Neill aponta questões políticas e econômicas como as principais causas da consolidação das missões cristãs ao redor do mundo. Não deixa clara sua visão sobre o que de fato teria caracterizado a construção do ideal de religiosidade em torno da cristandade. Mesmo assim, seu texto tem sua importância por mostrar como o contexto histórico influenciou para o sucesso e para o fracasso do projeto missionário cristão ao longo dos séculos.

Outros autores ajudam a entender essa perspectiva de expansão cristã, sobretudo protestante, observando os fenômenos religiosos, a exemplo dos Grandes Despertamentos ocorridos nos Estados Unidos ao longo do processo de formação daquele país. Alec R. Vilder (1961), J. C. Ryle (1978), Sydney E. Ahlstrom (1972), Vasni de Almeida (2001) e Luiz Roberto França de Mattos (2006) analisam como o protestantismo, sobretudo através das igrejas batistas, presbiterianos e metodistas, conseguiu se expandir para diversas localidades, acompanhando a “Marcha para o Oeste”, mas dentro de uma perspectiva messiânica e de consolidação da religião como algo que se pretende universal. Dentre tais autores, Mattos traz uma visão apologética dessa expansão. Todavia, os dados apresentados ajudam na compreensão desses avivamentos que foram usados como uma das justificativas pelas lideranças da JMN para a mudança de perspectiva missionária no Brasil a partir de 1925.

Os discursos de expansão protestante na América Latina estiveram ligados ao pensamento de expansão cristã universal. Conferências missionárias, a exemplo das que ocorreram em Edimburgo (1910) e Panamá (1916), procuraram justificar a urgência do missionarismo cristão usando argumentações distintas, mas que se complementavam. Para entender tais perspectivas, podemos lançar mão de autores como Brian Stanley (2009), Karina Kosicki Bellotti (2010), Aturo Piedra (2006), John H. Sinclair e Arturo Piedra (1999), John Wolffe (1994), Kenneth Latourette (1986), Ruth Tonkiss Cameron e John L. Grillo (2006), Martin N. Dreher (1999) e Charles Clayton Morrison (1984).

A principal conclusão das conferências citadas acima era a de que as missões deveriam se concentrar nos locais em que o cristianismo ainda não estivesse consolidado. Contudo, havia uma divergência primordial quando foi necessário caracterizar aquilo que seria o verdadeiro cristianismo. Em Edimburgo (1910), decidiu-se que nos países em que o catolicismo estivesse estabelecido não seria necessário investir mais recursos em missões protestantes. No Panamá (1916), as lideranças missionárias discordaram das resoluções de Edimburgo e apontaram a América Latina como alvo a ser evangelizado, pois acusavam a Igreja Católica de ter implantado um cristianismo falso na região. Nesse sentido, os autores a seguir são de extrema importância para a compreensão dos debates acima citados: Leonildo Silveira Campos (2010), Barry A. Kosmin e Seymour P. Lachman (1993), Mark S. Massa (2003), Frank Lambert (2008), John Corrigan e Lynn S. Neal (2010), George J. Marlin (2004), Justin Nordstom (2006), Franklin H. Littell (1971), Robert E. Lodwick (1969) e Daniel B. Lancaster (1995).

Dentro da perspectiva missionária protestante as mulheres são descritas, na maioria das vezes, como auxiliares no processo de consolidação dos trabalhos que foram desenvolvidos. Contudo, alguns historiadores trazem releituras que contestam essa visão. Para eles, as missionárias foram tanto quanto ou, em certas ocasiões, mais importantes que os homens na implantação e na consolidação de projetos evangelísticos. Dentre os

pesquisadores (as) podem-se destacar: Catherine B. Allen (2002), Sandra Duarte de Souza (2010) e João Pedro Gonçalves Araújo (2015).

O último grupo de autores a ser destacado é formado por aqueles que se dedicaram a analisar a inserção e o desenvolvimento do protestantismo no Brasil no contexto em questão. Esse grupo será dividido em duas partes. Na primeira, serão apontados os autores que propõem uma análise mais científica em suas argumentações. Na segunda, serão mostrados autores denominacionais que escreveram histórias e biografias de caráter apologético, mas não menos importantes na compreensão da temática aqui estudada.

Dentre os autores que se dedicaram ao estudo do protestantismo no Brasil com uma perspectiva científica destacam-se: Antonio Gouvêa Mendonça (1995), Émile G. Leonard (2002), Lyndon de Araújo Santos (2006), Israel Belo de Azevedo (1996), Daniel B. Lancaster (1999) e Valdinei Ferreira (2010). Esses autores analisam o protestantismo de uma maneira geral, mesmo em casos como os de Azevedo e Lancaster, que desde o título de seus respectivos trabalhos se propõem a debater questões histórico-filosóficas de uma única denominação. Outros analisam temáticas mais específicas que, assim como os demais, ajudam na compreensão da inserção protestante no Brasil Central dentro das suas respectivas peculiaridades: Carlos Barros Gonçalves (2011), Renata Lourenço (2010), Raquel Alves de Carvalho (2004), Elisa Rodrigues (2013), Euler Renato Westphal (2013), Flávio Marconi Lemos (1991), Mário Ribeiro Martins (1974), Ana Lúcia Coyller Adamovicz (2008), Gerard Colby e Charlotte Dennett (1998) e Edilson Soares de Souza (2008).

Em uma perspectiva apologética e confessional, história de instituições, missões e biografias foram escritas com o objetivo de glorificar heróis e mártires que teriam dado suas vidas para o trabalho cristão enfrentando tudo e todos para que o missionarismo protestante fosse consolidado no Brasil. Essas características não tiram a importância de tais obras, pois com elas é possível perceber a formação do pensamento protestante no país e de como tais escritores olhavam para as ações de seus missionários. Dentre eles, destacam-se: Xavier Assumpção (1976), Délcio Costa (1964), Margarida Lemos Gonçalves (2011), Betty Antunes de Oliveira (1985), José dos Reis Pereira (1945), Antonio N. de Mesquita (1962), Lester Carl Bell (1965), Ruth Mathews (1967), Caleb Soares (2006), Friedrich Soboll Heinz (2011), Dulce Consuelo Lopes Purin (2011) e Maria de Melo Chaves (2008).

Um autor se diferencia dos demais por possuir uma característica científica e, em determinados momentos, características apologéticas na construção de suas análises. Trata-se de Zaqueu Moreira de Oliveira (2009; 2010a; 2010b; 2007; 2012; 1997; 1999). O referido historiador concluiu seu doutorado no Southwestern Baptist Theological Seminary em 1971, tendo seu diploma convalidado pela Universidade de São Paulo em 1982. É o autor que mais escreveu sobre a história dos batistas no Brasil desde a chegada dos primeiros missionários no século XIX. Seus trabalhos possuem uma quantidade de fontes e bibliografia extensa, bem explorada e com relações teórico-metodológicas dentro daquilo que se espera de uma pesquisa histórica. Entende-se que é importante o destaque da formação do referido historiador, uma vez que seus escritos, se não forem analisados de forma correta, podem ser mal interpretados e deixados de lado pesquisadores que se interessam pela temática protestante.

Quanto às fontes, “O Jornal Batista” (OJB) se destaca por ter sido o principal periódico usado pelas lideranças missionárias no contexto em questão. Desde a sua fundação, em 1901, vem sendo utilizado na propaganda missionária, na busca por novos vocacionados e no diálogo com seus leitores (Adamovicz, 2008). Vários artigos foram publicados em suas páginas afirmando que nenhuma religião deveria realizar trabalho alinhado ao Estado (Tarsier, 1933). Também eram publicados textos criticando as demais denominações protestantes existentes no Brasil, bem como aos trabalhos que elas realizavam de forma ecumênica, uma vez que, dessa forma, não estariam sendo fiéis a suas posições doutrinárias originais (Sheldon, 1933). Todavia, vale ressaltar que a expansão batista no país sempre esteve ligada aos discursos, políticas e práticas do Estado e das demais correntes evangélicas. OJB está disponível no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Para a escrita do presente texto, foram selecionadas edições de 1925 a 1939. Esse recorte se justifica na medida em que o contexto foi decisivo na expansão batista para o Brasil Central. A partir de 1939, a Região Amazônica passou a ser o foco principal do missionarismo da denominação (Silva, 2016).

Para analisar essa posição de exclusivismo dos batistas, é necessário o entendimento de alguns conceitos fundamentais que estão dentro da história cultural das religiões. O primeiro é em relação à religião, que se constitui em representações culturais que aspiram à universalidade e justificam condutas, projetos, regras e normas. Em diferentes tempos e lugares, a religião foi lida, pensada, construída e discutida dentro da dinâmica cultural na qual ela esteve inserida (Silva, 2012). Aquilo que no Ocidente se entende por religião, em um ponto de vista histórico-cultural, deve ser analisado enquanto uma codificação humana de valores que se prospecta “[...] em uma durabilidade que sirva, justamente, para superar as contingências efêmeras, complexas e incompreensíveis da história, para oferecer uma perspectiva ao agir humano” (Agnolin, 2013, p. 47).

O conceito de religião no Ocidente baseia-se, sobretudo, em valores cristãos. O cristianismo tornou-se ao longo do tempo a maior e mais influente religião do Ocidente. Contudo, ele não é homogêneo, mas plural, variando de acordo com a região e com o contexto em que ele se inseriu. Suas reinvenções ao longo da história se deram por diversas razões. Divergências organizacionais, interpretações distintas do texto bíblico, questões políticas e ideológicas deram-lhe as mais diversas configurações que se conhece nos dias de hoje (Agnolin, 2013).

As reformas religiosas do século XVI, as quais figuram entre as principais causas da pluralidade cristã, foram muito mais do que rupturas dentro da cristandade ocidental. Sucessivos movimentos nasciam como tentativa de explicar o mundo, as pessoas, a política, a economia, as estruturas sociais, a exploração econômica e, como não poderia deixar de ser, as questões religiosas. O protestantismo, movimento que ganhou força com reformas e cismas naquele contexto, deve ser visto como uma concepção de mundo e um sistema ideológico, e não apenas como mais uma confissão ou um sistema religioso. Com suas ideologias constituíram cidades, países, economias, políticas, relações de gênero, relações assimétricas, dentre outras tantas formas organizacionais (Santos, 2008).

Por fim, é necessário entender como se constituiu a representação do ser batista, principalmente no Brasil. Não serão debatidas aqui as concepções da referida denominação

ao longo da história. Isso já foi realizado por historiadores como Israel Belo de Azevedo (1996), Zaquie Moreira de Oliveira (1997) e João Pedro Gonçalves Araújo (2015). Esses autores mostraram como os batistas, desde a Inglaterra, passaram por concepções doutrinárias calvinistas e arminianas; se engajaram em questões políticas e criticaram aqueles que se engajaram; colocaram-se como os primeiros cristãos ou como descendentes dos anabatistas. Contudo, é importante ressaltar que tais autores mostram que o grupo, mesmo buscando para si uma ascendência anterior aos movimentos religiosos do século XVI, é uma dentre tantas correntes do protestantismo nascidas do movimento puritano calvinista no século XVII entre os religiosos ingleses (principalmente anglicanos).

Apesar de se negarem a ser comparadas com outras correntes protestantes que estavam no Brasil naquele momento, ao chegar ao país os primeiros missionários precisaram trabalhar em conjunto com algumas denominações que já estavam presentes aqui. Contudo, desde o momento em que se configuraram como a maior denominação entre as igrejas tradicionais, nos anos 1930, os batistas no Brasil passaram a reivindicar para si, como ocorria nos Estados Unidos, o posto de única corrente cristã verdadeira. Até o início da década de 1920, afirmavam que as missões deveriam ser abertas onde não houvesse outro trabalho protestante (Burrows, 1937). A partir de 1930, no entanto, as concepções começaram a mudar e a evangelização deveria ser realizada entre todos aqueles que não eram batistas. Nesse sentido, entende-se que se trata de uma denominação protestante que se propôs, pelo menos até o final do século XX, a se colocar como uma corrente evangélica específica, que não deveria se alinhar a nenhum outro movimento em sua tentativa de consolidação dos trabalhos missionários no país. Todavia, é possível perceber em sua história que, como uma forma de sobrevivência e como estratégia de expansão, os batistas se conectaram com o pensamento de diversas correntes doutrinárias, políticas, e ideológicas no Brasil, principalmente a partir dos anos 1930 (Cunha, 1933).

Para o desenvolvimento do presente texto, foram observados discursos de missionários, principalmente norte-americanos, que se destacaram no movimento de inserção batista para o interior do país no período em questão, tais como os já citados William B. Bagby e Lewis Malen Bratcher (responsável por todo o projeto de inserção para o interior a partir de 1925). Cada um desses missionários, com suas respectivas contribuições, foram os principais responsáveis pelos primeiros trabalhos realizados pela JMN no sertão no contexto em questão, levando para tais locais um conceito de civilização que estaria chegando através da mensagem cristã (Elias, 1994). A partir de 1925, Bagby e Bratcher usavam espaços no OJB tentando convencer os fiéis da denominação para que se dispusessem a contribuir com recursos financeiros, ou mesmo como missionários nos trabalhos que a JMN pretendia abrir no sertão brasileiro (Silva, 2016).

É importante observar que, principalmente nos discursos de sucessos dos missionários envolvidos no projeto, existia tentativas de sensibilização dos leitores de OJB para a suposta necessidade de se evangelizar o sertão naquele contexto. A variação discursiva fazia parte de uma estratégia retórica para atingir diversos públicos. Os missionários descreviam as regiões, as belezas naturais, os perigos enfrentados, a aceitação da mensagem protestante por parte dos povos do interior, as perseguições sofridas (por políticos e pela igreja católica) e as elencavam com contextos e eventos históricos passados e

presentes na tentativa de dar sentido àquilo que se propunham a realizar. Era necessário mostrar que os discursos faziam sentido e que estavam alinhados a todas as questões acima levantadas (Ginzburg, 1988).

Os missionários em suas cartas, diários, notícias para jornais, relatórios, descreviam suas observações das situações de formas diferentes e singulares. Destacavam os aspectos pessoais, culturais, sociais e religiosos que presenciavam e davam uma grande atenção às condições da vida cotidiana, comparando situações vividas nos locais de origem com aquelas que procuravam descrever e interpretar. Descreviam o estranhamento dos contatos e dos desentendimentos; revelavam suas curiosidades e observações; destacavam maneiras como enfrentavam as situações desconfortáveis. Tudo isso servia para mostrar os riscos que assumiam, assim como reforçar aos leitores do OJB a importância da manutenção dos esforços espirituais e materiais nas missões. Os discursos variados produzidos pelos missionários estão repletos de referências sobre as necessidades dos outros, de suas misérias, de um território repleto de almas que deveriam ser convertidas e salvas (Silva, 2016).

Através das categorias analíticas da história cultural, é possível identificar como, em diferentes contextos, as realidades apresentadas são construídas, pensadas e dadas a ler. As percepções dos missionários sobre o interior e os povos que ali habitavam não eram neutras. Tais construções discursivas produziam estratégias e práticas para legitimar um projeto e justificar as ações realizadas ao longo do período em questão. Era necessário mostrar para o Estado, para os evangélicos e para os povos a serem alcançados porque o projeto batista de salvação deveria ser expandido. Os batistas tentavam impor “[...] a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (Chartier, 2002, p. 17).

As questões de alteridade discutidas por Arruti (2006) ajudam a entender o debate em curso. A visão que um grupo possui em relação ao outro no que concerne ao seu legado cultural pode trazer problemas no que tange à aceitação recíproca. Os missionários batistas em muitos momentos precisaram moldar-se e se adaptar a determinadas regras e normas dos grupos que pretendiam evangelizar, apesar de afirmar que tais condutas iam de encontro ao que pregava o cristianismo.

Nicola Gasbarro (2006) mostrou o cristianismo como uma religião que se propõe historicamente universal e, portanto, apta a estabelecer os critérios e as perspectivas de comparabilidade, bem como a reivindicar a prioridade epistemológica no encontro com culturas distintas. Pela arrogância simbólica da universalidade, o cristianismo impõe as relações de sentidos nos diversos processos de inserção cultural. Porém, Gasbarro lembra que, conforme as relações e as hierarquias missionárias vão variando de acordo com o contexto, são necessárias mudanças de perspectivas e dos métodos de inserção cultural. No protestantismo, em alguns casos muda-se o conteúdo da mensagem, bem como o efeito de suas transformações. São necessárias trocas culturais entre o evangelizador e o evangelizado facilitando, dessa forma, a transmissão da mensagem por quem se propõe a evangelizar.

É importante a percepção de que alguns missionários escreviam para os seus superiores nos Estados Unidos demonstrando os anseios, as dificuldades, as querelas e os progressos obtidos nos trabalhos que estavam sendo realizados. Contudo, foi no

OJB que eles enfatizaram a suposta necessidade que os povos do interior tinham de receber uma missão da denominação (Collares, 1931). De início, os discursos pareciam desconexos, uma vez que em um mesmo texto se falava em facilidade e dificuldade, sucesso e fracasso, disposição e indisposição, aceitação e reprovação. Na evangelização dos indígenas, por exemplo, afirmavam que os nativos desejavam receber os missionários de “braços abertos”, mas, ao mesmo tempo, diziam que muitos só queriam os presentes recebidos nos contatos iniciais⁴. Foi necessário olhar as entrelinhas e os rastros que eram deixados em cada mensagem para se perceber os interesses naquele tipo de retórica (Ginzburg, 2007).

Analisando a bibliografia e as fontes abordadas, percebeu-se que as lideranças da JMN – mesmo que nem todos os batistas concordassem com as propostas estabelecidas a partir de 1925 – tentavam convencer os membros da denominação de que aquele era o momento oportuno para a ampliação das missões evangélicas no interior. Eram utilizados interdiscursos bíblicos⁵ nos quais Deus supostamente afirmava que os batistas deveriam expandir sua missão no país naquele contexto (Campello, 1932).

A leitura de correspondências que eram trocadas com as lideranças missionárias que estavam nos Estados Unidos foram importantes para a compreensão das discordâncias entre as prioridades das missões a serem realizadas naquele contexto (Gomes, 2004). Havia uma disputa entre os missionários norte-americanos e os nacionais sobre a administração dos recursos provenientes dos Estados Unidos e em relação aos locais em que tais recursos deveriam ser investidos. É certo que tais querelas entraram em circulação através da imprensa, bem como de manifestos dos dois lados defendendo seu ponto de vista. Contudo, foi possível observar nas cartas temas que não eram divulgados nos periódicos, como acusação de desvios de verbas e uso de recursos para fins pessoais. Cada grupo procurava olhar a missão à sua maneira e defender, a seu modo, quem tinha razão no embate que estava sendo travado. Essas cartas não eram trocadas entre os missionários, mas enviadas às lideranças nos Estados Unidos, que tentava, em certos aspectos, acalmar os ânimos que estavam acirrados (Bratcher, 1937). Tais percepções foram possíveis após a observação das margens dos discursos, daquilo que não foi dito, ou mesmo descrito sem intenção, das pequenas ações que pareciam sem nexos (Ginzburg, 1989).

Difícilmente os membros da denominação tinham acesso às querelas entre as lideranças nacionais e norte-americanas. O que chegava até os fiéis eram as intenções da JMN e os apelos para que ofertas em recursos humanos e financeiros fossem realizadas por aqueles que se sentissem sensibilizados. No OJB, os missionários afirmavam cumprir o “ide” de Jesus, mostrando que faziam parte da religião do “envio” e espalhando a mensagem cristã para o máximo de pessoas (Robert, 2009).

Como citado anteriormente, foi a partir de 1925 que a JMN realizou sua primeira tentativa de inserção missionária no interior através da evangelização dos indígenas. A instituição enviou o missionário L. M. Bratcher para realizar uma viagem de reconhecimento

4 Sobre tais discursos supostamente desconexos, ver: Adamovicz (2008).

5 O interdiscurso é a possibilidade de usar algo já dito na formação de um novo discurso (Orlandi, 1998).

entre os rios Tocantins e Araguaia com o objetivo de estabelecer uma missão naquela região. Em 1926, o missionário Zacharias Campello (brasileiro) iniciou seus trabalhos entre os índios craôs, na então cidade de Piabanha, dando início, de forma oficial, ao missionarismo batista no Brasil Central⁶. A prioridade de se trabalhar entre os índios se estendeu até 1939, quando a JMN resolveu mudar as estratégias de evangelização do sertão. Getúlio Vargas havia lançado o programa “Marcha para o Oeste” em 1937. A partir de então, milhares de nordestinos migraram para a Amazônia na extração do látex, com a promessa de que seriam assistidos em tudo o que fosse necessário. A ideia era desenvolver um “esforço de guerra” (Secreto, 2007). A partir daquele momento os indígenas ficariam em segundo plano e os sertanejos nordestinos que estavam na Amazônia passariam a figurar como o principal alvo a ser alcançado (Zambritti, 1943).

Vale ressaltar que o projeto de expansão batista para o interior foi arquitetado, principalmente, pelas lideranças norte-americanas. Algumas dessas lideranças, como Bagby e Bratcher estavam no Brasil financiadas pela Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, localizada na cidade de Richmond, no estado norte-americano da Virgínia. Essa instituição era conhecida entre os brasileiros como Junta de Richmond (JR), nome que será utilizado a partir de agora quando for necessário fazer alguma referência a tal organização.

Discussões acerca de questões espirituais e políticas teriam levado à formação da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. A JR usou o interdiscurso bíblico para mostrar a história de Paulo e Barnabé, e de como a divisão causada por divergências teológicas entre estes dois missionários do primeiro século da era cristã foi fundamental para a expansão do cristianismo naquele período. Essa teria sido a razão apresentada pela JR como justificativa para a separação entre os batistas do Sul e do Norte dos Estados Unidos no século XIX. Com o objetivo de expandir as fronteiras missionárias para além do seu país, os norte-americanos decidiram que não mais poderiam trabalhar com uma única frente de missão. Nesse sentido, “[...] 328 delegates from eight Southern states and the District of Columbia and met in Augusta, Ga., May 8, 1845, and organized the Southern Baptist Convention” (Ray, 1934, p. 115). Após a organização da instituição, “The Convention created two mission boards at its initial meeting, namely, the Foreign Mission Board with headquarters in Richmond, Va., and the Home Mission Board with headquarters at Marion, Ala” (Hankins, 2015, p. 116).

A JR passou a enviar missionários para diversas partes do mundo. No final dos anos 1850, o missionário T. J. Bowen se colocou à disposição para pastorear os batistas que estavam no Brasil, mas por questão de saúde foi impedido de realizar seu desejo por muito tempo. Contudo, após a Guerra Civil Americana (1861-1865), milhares de norte-americanos migraram para o Brasil, sobretudo para o estado de São Paulo (Matos, 2008). Segundo Cyrus B. Dawsey e James M. Dawsey, tais imigrantes desejavam recuperar as fortunas perdidas no conflito. Alguns que nunca tiveram recursos foram

6 Piabanha foi o local em que teve início a evangelização dos índios por parte da JMN em 1926, no então norte de Goiás. A partir de 20 de abril de 1936, o local passou a se chamar Tocantínia. (Palacin; Moraes, 1989). Em 1989 foi criado o Estado de Tocantins na região que anteriormente era o norte de Goiás. O município de Tocantínia passou a fazer parte do novo Estado (Parente, 1999).

atraídos pela promessa de melhoria de vida. Outros eram criminosos e estariam sendo enviados para o Brasil como degredados (Dawsey, C.; Dawsey, J., 1995).

O general norte-americano A. T. Hawthorne, um dos colonos que migraram para o Brasil nesse contexto, em uma de suas viagens aos Estados Unidos, formulou um pedido oficial à JR para que enviasse um casal de missionários com o objetivo de pastorear as igrejas que já haviam sido fundadas entre os colonos em Santa Bárbara do Oeste. Nesse sentido, em 1881, chegaram ao Brasil os missionários William B. Bagby e Anne L. Bagby. Contudo, o casal afirmou que desejava evangelizar os brasileiros e iniciou o estudo da língua vernácula para facilitar suas ações proselitistas. “A few days later they reached Santa Barbara, the settlement of the North Americans, where they gave themselves at once to the study of the Portuguese language” (Ray, 1934, p. 152). Em 15 de outubro de 1882, sob a liderança do referido casal e com financiamento da JR, foi inaugurada em Salvador, Bahia, a Primeira Igreja Batista do Brasil, com caráter missionário e com a presença de um brasileiro convertido, o ex-padre Antonio Teixeira (Allredge, 1936).

A outra instituição à qual os missionários em questão estavam filiados era a JMN. Fundada no mesmo momento da CBB em 1907, a organização tinha como objetivo ampliar as ações missionárias batistas no Brasil. Durante a primeira Reunião da Convenção Batista Brasileira, segundo A. R. Crabtree (1953, p. 42),

In order to realize the high ideal of taking Brazil for Christ your committee presents to the Convention for careful study the following suggestion: The organization of a Home Mission Board of the Convention, to begin immediately the development of a plan for nation-wide evangelism, with the necessary powers and support for this purpose.

Os primeiros trabalhos da JMN eram precários. Muitos missionários enviados para os campos dificilmente conseguiam o sucesso almejado. Outras vezes a instituição apenas oficializava trabalhos já realizados por missionários leigos. Contudo, o sustento dos trabalhos ficava comprometido, dados a falta de recursos e o desinteresse pela evangelização no interior e pelas perseguições sofridas, muitas vezes com o amparo do Estado. A ideia inicial era formar uma organização apenas com missionários norte-americanos, pois estes se consideravam superiores aos brasileiros. Contudo, por influência do norte-americano A. B. Deter, os missionários locais passaram a ocupar cargos de destaques dentro da instituição (Pereira, 2001).

Foi a partir de 1925 que a JMN passou a crescer e a realizar trabalhos com relativa consistência, principalmente no interior do país. A partir de então, “[...] o trabalho entre os índios foi ampliado, com a nomeação de novos obreiros” (Pereira, 2001, p. 182). Essa ampliação não se deu sem grandes dificuldades. O dinheiro que chegava dos Estados Unidos diminuía a cada ano, principalmente quando a crise econômica norte-americana chegou ao ápice em 1929. A economia brasileira também foi afetada, gerando uma queda brusca nos recursos recebidos pela JMN (Galbraith, 1988). As estratégias discursivas usadas pelas lideranças batistas procuravam mostrar, em certos aspectos que, apesar do momento em que o país estava atravessando, o trabalho missionário não poderia estacionar.

Apesar das dificuldades que eram apresentadas, a região de Piabanha recebeu diversos missionários que buscavam evangelizar os indígenas usando diversas estratégias para atingir o maior número de conversos possíveis. Três desses, Zacharias Campello (a partir de 1926), Francisco Collares (a partir de 1930) e Beatriz Silva (a partir de 1936), se destacaram como os que mais traziam os resultados esperados pela JMN naquele momento. É certo que em correspondências mais íntimas, muitas vezes o então sucesso propagado não condizia com o que era divulgado no OJB. Contudo, os trabalhos realizados pelos missionários em questão são vistos como fundamentais para o processo de expansão da denominação para o interior do país, por terem aberto as portas e trazido novos olhares sobre aquela população que supostamente necessitava do socorro batista para livrá-los da perdição eterna da qual estavam, no discurso protestante, todos condenados (Silva, 2016).

Conclusão

O levantamento aqui descrito traz uma bibliografia vasta sobre o estudo da temática protestante no país, sobretudo em se tratando da denominação batista. As questões teórico-metodológicas apresentadas ao longo do texto, assim como alguns apontamentos acerca da inserção batista no interior a partir de 1925, objetivaram despertar o interesse de leitores e pesquisadores por esse grupo religioso. Cabe ressaltar que, na historiografia que trata da temática protestante no Brasil, é difícil encontrar uma obra que analise em toda sua complexidade a inserção batista no interior do país nas primeiras décadas do século XX. Os textos produzidos, em sua maioria, apenas citam que havia missionários entre os índios ou sertanejos, mas não descrevem nem analisam as ações destes missionários. Nesse sentido, entende-se que o artigo aqui apresentado contribui com os debates teóricos, metodológicos e historiográficos acerca do protestantismo no Brasil, sobretudo em relação aos primórdios da inserção batista no interior do país.

Referências

- ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. Imprensa protestante na Primeira República: evangelismo, informação e produção cultural. *O Jornal Batista (1901 – 1922)*. 428f. 2008. Tese (Doutorado em História), USP, São Paulo, 2008.
- AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- AHLSTROM, Sydney E. *A Religious History of the American People*. Londres: Yale University Press, 1972.
- ALLDREDGE, E. P. *Southern Baptists in world service*. Nashville: The Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1936.
- ALLEN, C. B. Shifting sands for Southern Baptist in missions. In.: ROBERT, D. L. (Org). *Gospel bearers, gender bearers*. Maryknoll: Orbis, 2002.

- ALMEIDA, Vasni de. A Igreja Metodista do Brasil. In.: ALMEIDA, Vasni de; SANTOS, Lyndon Araújo dos; SILVA, Elizete da (Orgs). *Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS, 2001.
- ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. *Histórias, tradições e pensamentos batistas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- ARRUTI, José Maurício P. A. O Toré e as conversões missionárias indígenas. In.: MONTERO, Paula (Org). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- ASSUMPÇÃO, Xavier. *Pequena história dos batistas no Paraná*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1976.
- AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1996.
- BAGBY, William B. Discurso Histórico proferido pelo Dr. W. B. Bagby, perante a Convenção Baptista Brasileira, reunida no salão nobre o Collegio Americano Baptista do Recife, em noite de 16 de janeiro de 1926. In.: SOBRINHO, Munguba (Org). *Atas da Convenção Batista Brasileira de 1926*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1926, pp. 89-99.
- BARBATO, L. F. Tosta. *Entre preconceitos, conceitos e impressões: o Brasil e sua condição tropical na Revue des Deux Mondes (1829-1877)*. 318f. Tese (Doutorado em História), UNICAMP, Campinas, 2015.
- BELL, Lester Carl. *Which way in Brazil?* Nashville: Convention Press, 1965.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Pluralismo protestante na América Latina. In.: BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira; SILVA, Eliane Moura da (Orgs.). *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010, pp. 55-81.
- BRATCHER, A. Carta endereçada ao Dr. C. E. Maddry, então diretor da Junta de Richmond. Rio de Janeiro, 23/03/1937, In: Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville, pp. 1, 2.
- BURROWS, J. L. O que os batistas creem: divergencias baptistas de outras igrejas evangelicas. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 24 Jun., 1937, p. 7.
- CAMERON, Ruth Tonkiss; GRILLO, John L. Texto para conferência. 1910. *World Missionary Conference Records, 1910*. In.: *Missionary Research Library Archives: Section 12, The Burke Library Archives Union Theological Seminary, New York*. Jan. 2006, pp.1-28.
- CAMPELLO, Orphisa. Um appello angustioso da nossa missionaria Orphisa Campello. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 31 Mar., 1932, p. 10.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Religião, prática política e discurso de evangélicos brasileiros no período republicano*. In.: BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS,

Leonildo Silveira; SILVA, Eliane Moura da (Orgs). *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010, pp. 149-183.

CARVALHO, Raquel Alves de. *A missão Evangélica Caiuá: instalação e organização*. *Revista de Educação do Cogeime*, n, 25, São Paulo, pp. 89-103, 2004.

CHARTIER, R. *História cultural: entre práticas e representações*. Algés: DIFEL, 2002.

CHAVES, Maria de Melo. *Bandeirantes da Fé*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

COLBY, Gerard; DENNETT, Charlotte. *Seja feita a vossa vontade: a conquista da Amazônia – Nelson Rockefeller e o evangelismo na idade do petróleo*. Rio de Janeiro: RECORD, 1998.

COLLARES, Beatriz. *Entre os índios*. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 27 Ago., 1931, p. 8.

CORRIGAN, John; NEAL, Lynn S. *Religious intolerance in America: a documentary history*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2010.

COSTA, D. *Colunas batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1964.

CRABTREE, A. R. *Baptists in Brazil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1953.

CUNHA, Djalma. *Liga Pró Estado Leigo*. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro. 18 Mai. 1933, p. 7.

DAWSEY, Cyrus B.; DAWSEY, James M. *The Confederados: old south immigrants in Brazil*. The University of Alabama Press: Tuscaloosa, 1995.

DREHER, Martin N. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994. Volume I.

FERREIRA, Valdinei. *Protestantismo e modernidade no Brasil: da utopia a nostalgia*. São Paulo: Editora Reflexão, 2010.

GALBRAITH, John Kenneth. *1929, o colapso da Bolsa*. São Paulo: Pioneira, 1988.

GASBARRO, Nicola. *Missões: a civilização cristã em ação*. In.: MONTERO, Paula (Org). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006, pp. 67-109.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). Escrita de Si, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GONÇALVES, Carlos Barros. Até os confins da terra: o movimento protestante ecumênico no Brasil e a evangelização dos povos indígenas. Dourados: Editora da UFGD, 2011.
- GONÇALVES, Margarida Lemos. A missionária que veio para ficar: biografia de Beatriz Silva. Rio de Janeiro: UFMBB, 2011.
- GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. Divisão regional do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), 1942.
- HANKINS, Barry; KIDD, Thomas S. Baptists in American: a history. New York: Oxford University Press, 2015.
- HEINZ, F. S. Burros e pastores na terra do Espírito Santo. São Paulo: ARTEBR, 2011.
- KOSMIN, Barry A.; LACHMAN, Seymour P. One nation under God: Religion in contemporary American society. New York: Crow Trade Paperbacks, 1993.
- LAMBERT, Frank. Religion in American politics: a short history. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- LANCASTER, Daniel B. In the land of the Southern Cross: the life and ministry of William Buck and Anne Luther Bagby. 221f. Tese (Doutorado em Filosofia), Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, 1995.
- LANCASTER, Daniel B. The Bagbys of Brazil: the life and work of William Buck and Anne Luther Bagby. Austin, Eakin Press, 1999.
- LATOURETTE, Kenneth. Ecumenical Bearing of the Missionary Movement and the International Missionary Council. In.: NEILL, Stephen; ROUSE, Ruth (Orgs). A History of the Ecumenical Movement. Londres: SPCK, 1986. Volume I.
- LEMOS, Flávio Marconi. Radicalism in Pernambuco: a study of relationship between Nationals and Southern Baptists missionaries in the Brazilian Baptists Struggle for autonomy. 326f. Dissertação (Mestrado em História), Baylor University, Waco, 1991.
- LEONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 2002.
- LITTELL, Franklin H. From state church to pluralism: a protestant interpretation of religion in American History. New York: The Macmillan Company, 1971.

LODWICK, R. E. The significance of the church-state relationship to an evangelical program in Brazil. Cuernavaca: Centro Intercultural de Documentacion, 1969.

LOURENÇO, Renata. A Missão Evangélica de Caiuá e a educação escolar para os indígenas da Reserva de Dourados e Aldeia do Panambizinho – de 1928 a 1968. *Fronteiras*, v., 12, n., 21, Dourados, pp. 125-150, 2010.

MARLIN, George J. The American Catholic Voter: 200 years of political impact. South Bend: St, Augustine's Press, 2004.

MARTINS, Mário Ribeiro. História das ideias radicais no Brasil: entre os batistas. Recife: Acádia Publicações, 1974.

MASSA, Mark S. Anti-Catholicism in America: the last acceptable prejudice. New York: The Crossroad Publishing Company, 2003.

MATHEWS, R. O apóstolo do sertão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.

MATOS, Alderi Souza de. Erasmo Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira: perspectivas sobre a missão da igreja. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

MATTOS, Luiz Roberto França de. Jonathan Edwards e o avivamento brasileiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

MEIN, David (Org.). O que Deus tem feito. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1982.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MESQUITA, Antonio N. de. História dos batistas no Brasil de 1907 a 1935. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

MOUNTJOY, Shane. Manifest destiny: westward Expansion. Milestones in American History. Infobase Publishing. New York, 2009.

MORRISON, C. C. The Christian Century, Londres: Forgotten Books, 1984.

NEILL, Stephen. História das Missões. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.

NORDSTROM, Justin. Danger on the doorstep: Anti-Catholicism and American print culture in the progressive era. Notre Dame: University of Notre Dame, 2006.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. Rio de Janeiro: ERCA, 1985.

OLIVEIRA, Edelweiss Falcão de; OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. O mundo no coração de Deus: 100 anos da Junta de Missões Nacionais da CBB. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2009.

- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas em Pernambuco. Recife: Kairós Editora, 2010a.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Desafios e conquistas missionárias: 100 anos da Junta de Missões Nacionais da CBB. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2007.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Ensaio sobre os batistas ingleses. Rio de Janeiro: Horizontal Editora, 1997.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Fagulhas e tochas na história batista: assuntos controversos. Recife: Kairós Editora, 2012.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Perseguidos, mas não desamparados: 90 anos de perseguição religiosa contra os batistas brasileiros. Rio de Janeiro: JUERP, 1999.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Um povo chamado batista: histórias e princípios. Recife: Kairós Editora, 2010b.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PALACIN, Luís; MORAES, Maria Augusta Sant'anna. História de Goiás (1722-1972). Goiânia: Editora da UCG, 1989.
- PARENTE, Temis Gomes. Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- PEREIRA, José dos Reis. História dos batistas no Brasil (1882-2001). Rio de Janeiro: JUERP, 2001.
- PEREIRA, José dos Reis. O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1945.
- PIEDRA, Arturo. Evangelismo protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830 – 1960). São Leopoldo: SINODAL/ EQUADOR CLAI, 2006. Volume I.
- PIEDRA, Arturo.; SINCLAIR, John H. The Dawn of Ecumenism in Latin America: Robert E. Speer, Presbyterians, and the Panama Conference of 1916. The Journal of Presbyterian History, v. 77, n. 1, Filadélfia, pp. 1-11, 1999.
- PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX. 375f. Tese (Doutorado em História), USP, São Paulo, 2006.
- PURIN, Dulce Consuelo Lopes. O aventureiro que Deus usou: biografia de Zacarias Campelo. Rio de Janeiro: UFMBB, 2011.
- RAY, T. B. Southern Baptists in the great adventure. Nashville: The Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1934.

ROBERT, Dana L. (Org). *Converting Colonialism: visions and realities in mission history, 1706 – 1914*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

ROBERT, Dana L. *American woman in mission: a social history of their thought and practice*. Georgia: Mercer University Press, 2005.

ROBERT, Dana L. *Christian Mission: how Christianity became a world religion*. Bognor Regis: Wiley Blackwell, 2009.

ROBERT, Dana L. *Gospel bearers, gender bearers: missionary women in the twentieth century*. Maryknoll: ORBIS BOOKS, 2002.

RODRIGUES, Elisa. *Os batistas no Brasil: mitos de origem, ênfases teológicas e novas tendências*. In.: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa (Orgs). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

RYLE, J. C. *Christian Leaders of 18th. Century*. Edimburgo/Pensilvania: The Banner of Truth Trust, 1978.

SANTOS, João Marcos Sá Leitão. *A ordem social em crise: a inserção do protestantismo em Pernambuco (1860-1891)*. 402f. Tese (Doutorado em História), USP, São Paulo, 2008.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira*. São Luís: EDUFMA, 2006.

SECRETO, María Verónica. *A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do Discurso do Rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha*. *Estudos Históricos*, n. 40, Rio de Janeiro, pp. 115-135, 2007.

SHELDON, R. D. *Porque ha tantas denominações?* *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 02 set., 1933, p. 1.

SILVA, Eliane Moura da. *“Os Anjos do Progresso no Brasil”: as missionárias protestantes americanas (1870- 1920)*. *Rever*, n. 1, São Paulo, pp. 101-123, 2012.

SILVA, Eliane Moura da. *Missões e narrativas protestantes norte-americanas no Brasil (1870-1920)*. In.: ALMEIDA, Neri de Barros; SILVA, Eliane Moura da. *Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da Igreja e a história das religiões*. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014, pp. 211-231.

SILVA, Eliane Moura da. *Religião: da fenomenologia à história*. In: BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira; SILVA, Eliane Moura da (Orgs). *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010, pp. 11-15.

SILVA, Paulo Julião da. *Entre a evangelização e a política: a expansão missionária batista para o Brasil Central*. 191f. Tese (Doutorado em História), UNICAMP, Campinas, 2016.

SOARES, Caleb. Os Bandeirantes da Reforma. Santos: Instituto de Pedagogia Cristã, 2006.

SOUZA, Edilson Soares de. Diálogos (re) velados: a trajetória e os discursos político-doutrinários dos batistas brasileiros (1974-1985). 165f. Dissertação (Mestrado em História), UFPR, Curitiba, 2008.

SOUZA, Sandra Duarte de. Religião e identidades de gênero. In: BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira; SILVA, Eliane Moura da (Orgs). Religião e sociedade na América Latina. São Bernardo do Campo: UEMESP, 2010, pp. 185-196.

STANLEY, Brian. The World Missionary Conference, Edinburgh 1910. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

TARSIER, P. A Igreja e o Estado. O Jornal Baptista, Rio de Janeiro. 09 Mar., 1933, p. 1.

VILDER, Alec R. A igreja numa era de revolução (de 1798 aos nossos dias). Lisboa: ULISSEIA, 1961.

WESTPHAL, Euler Renato. Protestantes e católicos: diferenças e semelhanças básicas (uma visão protestante). In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa (orgs). Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, pp. 73-86.

WOLFFE, John. Anti-Catholicism and Evangelical Identity in Britain and the United States, 1830 – 1860. In.: BEBBINGTON, David W.; NOLL, Mark A.; RAWLYK, Georg A. (orgs). Evangelicalism: comparative studies of popular Protestantism in North America, the British Isles, and Beyond, 1700 – 1990. New York: Oxford University Press, 1994.

ZAMBRITTI, Raphael. Carta. Correspondência endereçada aos Drs. Everette Grill Jr. e C. E. Maddry. Rio de Janeiro, RJ. In Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville, 19/08/1943, p. 1.

Recebido: 22 de novembro de 2019.

Aprovado: 20 de maio de 2020.